

IN MEMORIAM GARCÍA LORCA

Decorridos cinquenta anos da Revolução Espanhola e da morte de Garcia Lorca, nossa homenagem, mesmo com atraso, ao poeta do *Romanceiro Gitano* e ao dramaturgo de *Bodas de Sangue* recupera a homenagem cheia de dor a ambos prestada pela *Revista Acadêmica* em 1938. A revista dos estudantes de Direito do Rio de Janeiro, comprometida com a modernidade, dona de postura nitidamente libertária, surgindo em 1934, possuía um expressivo conselho diretor, reunindo nomes como Mário de Andrade, Álvaro Moreira, Aníbal Machado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Sérgio Milliet. Na redação estavam Murilo Miranda e Moacir Werneck de Castro, encarregados, inclusive, de contatos com figuras de relevo no mundo das letras, das artes e da política. Assim, Antonio Machado, Jules Romains, Jacques Maritain, Jean Cassou, entre outros, enviavam colaborações para a revista que oferecia também a tradução de poesia, contos, valorizando Rilke, Thomas Mann, Gorki, Tolstoi. Em março de 1938, no número 33, os redatores, marcando mais uma vez o protesto pelo assassinio do poeta — Benjamim Cabello já o fizera nas páginas do n.º 29, no ano anterior —, traduzem o bonito necrológio proferido por Neruda no Chile e publicam, com ilustração de Paulo Werneck, o poema de Lorca "Espanña". As palavras do amigo e companheiro chileno, aqui transcritas, trazem, bem datada, a dimensão da memória, construindo uma figura cheia de humanidade. O poema, recupera um momento de solidariedade.

ESPAÑA

No hagas caso de lamentos
ni de falsas emociones;
las mejores devociones
son los grandes pensamientos.
Y, puesto que, por momentos
el mal que te hirió se agrava,
resurge, indómita y brava,
y antes que hundirte cobrade,
estalla en pedazos y arde.
¡primero muerta que esclava!

Federico García Lorca! Era popular como a guitarra, entusiasmado, melancólico, profundo e claro como uma criança, como o povo. Se tivessem procurado alguém para sacrificar como se sacrifica um símbolo, nunca teriam encontrado em nenhum ser, em nenhum objeto, a alma espanhola em toda a sua profunda vivacidade como neste ser eleito.

Não sei como precisar sua lembrança. A violenta luz da vida apenas por um instante iluminou seu rosto, agora desfigurado e extinto. Mas, nesse grande minuto de sua vida, García Lorca resplandece com uma luz de astro. Desde o tempo de Lope de Vega não aparecera um criador como ele, uma tal mobilidade de forma e de linguagem. Desde os tempos em que os espanhóis do povo beijavam as roupas de Lope, não se encontrava na língua espanhola uma seleção popular de tal envergadura, exercida por um poeta. Tudo o que ele tocava, mesmo nas alturas de um esteticismo misterioso (ao qual, na sua qualidade de poeta letrado, não podia renunciar sem trair-se a si mesmo) ficava saturado de essências profundas, de sons que penetravam a massa até a medula. Pronunciei a palavra esteticismo, mas não nos enganamos: García Lorca era anti-esteta. Nesse sentido, enchia sua poesia e seu teatro de dramas humanos e de tempestades de coração; mas não renunciou por isso aos primitivos segredos do mistério poético. O povo, com uma intuição maravilhosa, se faz dono da sua poesia, que se canta e se cantava, anônima, nas aldeias da Andaluzia; mas ele não se vangloriava disso para tirar vantagem; antes, pelo contrário, buscava assiduamente dentro e fora de si mesmo.

Seu anti-esteticismo era talvez a causa da grande popularidade que gozava na América. Dessa brilhante geração de poetas como Alberti, Alexandre, Altolaguirre, Cernuda etc., ele foi talvez o único sobre o qual a sombra de Gôngora não exerceu esse poder refrigerante que em 1927 atacou de esterilidade poética a grande poesia juvenil da Espanha. A América, separada por séculos de oceano, de clássicos ancestrais da língua, reconheceu a grandeza desse jovem poeta atraído irresistivelmente pelo povo e pelo sangue. Eu vi em Buenos Aires a maior apoteose que um poeta da nossa raça tenha jamais recebido: as multidões enormes escutavam com emoção e lágrimas suas tragédias de uma oposição verbal inaudita. Neles se revelam, brilhando como uma explosão fosforescente, o eterno drama espanhol, onde o amor e a morte executavam uma dança furiosa, o amor e a morte mascarados ou nus.

Sua recordação é impossível de traçar num retrato à distância. Era uma claridade física, uma energia em movimento, uma alegria, uma luz fulgurante, uma ternura completamente sobre-humana. Sua pessoa era mágica e morena, e irradiava felicidade.

Quero rememorar aqui uma lembrança dele. Há alguns meses, pôs-se a percorrer as aldeias. Ia levar à cena *Peribanez*, de Lope de Vega. Federico meteu-se em todos os rincões da Extremadura, em busca de autênticos trajes do século XVII, que as antigas famílias locais ainda guardavam em seus cofres. Voltou com um prodigioso carregamento de telas azuis e douradas, de botas, de colares, de panos que viam a luz pela primeira vez depois de séculos. Com a sua irresistível simpatia pessoal, ele obtinha tudo o que desejava.

Uma noite, numa aldeia da Extremadura, não conseguindo dormir, levantou-se antes da aurora. A áspera paisagem da Extremadura estava ainda envolta em bruma. Federico sentou-se para contemplar a saída do sol, junto a umas estátuas caídas ao chão. Eram figuras de mármore do século XVIII, e o lugar era a entrada para um domínio feudal completamente abandonado, como tantos domínios de senhores espanhóis. García Lorca olhava as estátuas destruídas, que o sol nascente iluminava com uma luz branca, quando um cordeiro, perdido do resto do rebanho, começou a pastar perto dele. De repente, cinco lobos negros atravessaram o caminho, atiraram-se sobre o cordeiro, e em poucos minutos puseram-no em pedaços e o devoraram. Federico, tomado de medo inaudito, imobilizado de horror, via os animais matarem e devorarem o cordeiro, entre as estátuas caídas, enquanto o sol subia solitário.

Quando, de volta a Madri, ele me contava essa cena, ainda lhe tremia a voz. Porque a tragédia da morte sempre impressionou até o delírio a sensibilidade da criança. Agora a morte de Federico, essa morte que nada nos fará esquecer, me traz à lembrança aquela madrugada de sangue. A esse poeta doce e profético, a vida pôde oferecer, de antemão e sob a forma de um símbolo terrível, a visão da própria morte.

Nesta presença de Lorca no Brasil, vale ainda oferecer uma das melhores traduções de seus poemas: a de Carlos Drummond de Andrade para "A casada infiel".

FEDERICO GARCÍA LÓRCA
(1898-1936)

A CASADA INFIEL

Tradução de
Carlos Drummond de Andrade

E eu que a levei ao rio
supondo fosse donzela,
quando já tinha marido.

Era noite de São Tiago
e foi quase um compromisso.
Apagaram-se os faróis
e se acenderam os grilos.
Já nas últimas esquinas

toquei-lhe os peitos dormidos,
e se me abriram de pronto
como ramos de jacintos.
Polvilho de sua anágua
vinha ranger-me no ouvido
tal como um corte de seda
por dez lâminas rompido.
Sem luz de prata nas copas
os troncos tinham crescido,
e um horizonte de cães
ladrava longe do rio.

Atravessando o silvado,
por entre juncos e espinhos,
sob a sua cabeleira
fiz uma concha no limo.
Tirei a minha gravata.
Ela tirou seu vestido.
Eu, o cinto com o revólver.
Ela, seus quatro corpinhos.
Nem nardos nem caracóis
têm uma cútis tão fina,
nem sob a lua cristais
relumbram com tanto brilho.
Suas coxas me escapavam
como peixes surpreendidos,
metade cheias de lume,
metade cheias de frio.
Naquela noite corri
pelo melhor dos caminhos,
montado em potra de nácar,
sem freios e sem estribos.
Não quero dizer, sou homem,
as coisas que ela me disse.
É que a luz do entendimento
me torna mui comedido.
Suja de beijo e de areia,
leve-i-a dali do rio.
Em luta com o ar, batiam-se,
brancas espadas, os lírios.

Portei-me como quem sou.
Como gitano legítimo.
Dei-lhe estojo de costura,
grande, de fina palhinha,
mas não quis enamorar-me,
porque, já tendo marido,
me disse que era donzela
quando eu a levava ao rio.